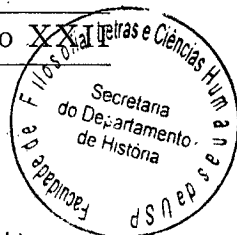


**CONFERÊNCIA****EVOCACÃO DA CIDADE DO NATAL (\*).****HÉLIO DANTAS**

da Universidade Federal da Paraíba.

Há cêrca de dois milênios, no dia 25 de dezembro do ano I da Nova Era, nascera, em Belém de Judá, aquêle que seria Cristo, o Redentor. Posto que mais Deus do que homem, para que as profecias se cumprissem, morreria crucificado entre dois ladrões, quando fôra mais homem do que Deus, mas ressuscitaria ao terceiro dia, quando fôra mais Deus do que homem.

Pois bem, decorridos 1599 anos da Era Cristã, neste mesmo dia 25 e neste mesmo mês de dezembro, fundara-se, simbòlicamente, uma cidade pela demarcação do seu sítio, que recebera o nome de *Natal*, em memória daquele acontecimento que a História consagraria como o maior evento, em todos os tempos, na vida das civilizações.

Fundara-se, simbòlicamente, porque não havia cidade, nem vila, nem aldeia, nem sequer residência, no local demarcado (1). Mas, sòmente depois de construído o Forte dos Reis Magos e de celebradas as pazes com os índios potiguares, é que, oficialmente, nascera sob a égide duma capelinha, “num terreno elevado e firme” (2) que ficava “obra de meia légua do Forte do Rio Grande”, como informava o Padre Francisco Pinto, o Pai Pinto (3).

Ainda nove anos depois, diria o Governador Dom Diogo de Menezes, que no Rio Grande “a povoação que está não tem gente” (4). Também nesse longínquo 1608, sintomàticamente, Jorge de Araújo

(\*) — Palestra proferida em nome da cidade, a convite do Prefeito Municipal de Natal, no dia 25 de dezembro de 1970, aos 371 anos de sua fundação.

(1). — Luís da Câmara Cascudo, *História da Cidade do Natal*, 1947, pág. 24; discordantes, em parte: Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 4a. edição, pág. 298; Vicente de Lemos, *Capitães Mores e Governadores do Rio Grande do Norte*, 1912, pág. 5; Rocha Pombo, *História do Estado do Rio Grande do Norte*, 1922, pág. 47, n. IV.

(2). — Vicente de Lemos, *ob. cit.*; pág. 5.

(3). — Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1938, Lisboa, vol. I, pág. 515.

(4). — L. da C. Cascudo, *História do Rio Grande do Norte*, 1955, pág. 28.

jo abandona sua olaria, onde fabricava tijolos, na atual Praça Augusto Severo, por falta de freguesia para seu negócio.

Decorridos 15 anos de sua fundação (1614), a cidade do Natal tinha apenas 12 casas. Nesse mesmo ano, certifica Pero Vaz Pinto,

“escrivão da Fazenda, Alfândega e Almoxarifado desta Capitania do Rio Grande”, que das “duas cópias do bando atrás do senhor Governador e Capitão Geral deste Estado do Brasil, Gaspar de Souza, ... preguei uma nas paredes da igreja matriz desta dita Capitania por não ter portas...” (5).

Tal era a precariedade da cidade, que ainda no século XVIII (1746), Frei Luís de Santa Tereza, em Relatório à Santa Sé, dissera — “Natal ... não (há)tal”.

Nomes diversos, se bem assemelhados, lhe são atribuídos: — Cidade dos Reis; Natal do Rio Grande; Cidade Nova ou Natal; Cidade do Natal do Rio Grande, como bombástico se encontra no “Auto da Repartição das Terras” (6).

Quando do tacão holandês, muda-se, extravagantemente para nós, o nome da cidade do Natal, para Nova Amsterdam e o do Forte dos Reis Magos, para Castelo de Keulen. Operada a restauração da integridade da Colônia, restabelecem-se as denominações portuguesas.

A história de Natal ainda reside, fundamentalmente, na Cidade Alta e na Ribeira, Bairros de rivalidade acirrada de Xarias e Cangu'eiros. Dos Bairros novos, o do Alecrim, de saboroso e pitoresco batismo, é o único que já vai tendo sua crônica. As Rocas, o Tirol e Petrópoles também, por seu turno, se preparam para sua arrancada na História. Mais recentes, os Bairros da Cirolândia, dos Santos Reis, da Conceição, da Vila Naval, da Potilândia e outros, ainda engatnam na vida centenária da cidade.

Natal, nascida no apagar das luzes do século XVI, progrediria, lentamente, nos séculos XVII e XVIII; passara o século XIX e chegara ao XX. Nessa caminhada, vivera o período colonial e sobreviveu ao domínio flamengo; passaria o Vice Reino e o Reino Unido; atingiria o Império e, viçosa, chegou à República e aos nossos dias.

Sede da Capitania, da Província e do Estado, é a Capital mais velha do norte e nordeste do Brasil, depois de Salvador e de João Pessoa. Foi sempre o centro polarizador de nossas alegrias e de nossas tristezas; de nossos sorrisos e de nossas lágrimas; de nossas vitórias e de nossas derrotas; de nossas venturas e desventuras.

---

(5). — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, vol. VII, 1909, pág. 15.

(6). — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, vol. VII cit., págs. 5 e 6.

Sua posição geográfica e estratégica, no Continente Sul, lhe propiciaria ser arrancada de sua terna pacatez, pelo vulcão da segunda Grande Guerra, quando as forças devastadoras de von Romel, em África, eram uma ameaça às Américas. Natal seria o alvo primeiro da investida do ódio nazista, em sua arremetida além Atlântico.

A toque de caixa, ampliam-se os alojamentos; constroem-se quartéis e mais quartéis; edificam-se as Bases Naval e de Parnamirim. Dezenas de milhares de militares de terra, de mar e do ar são transferidos para Natal, com suas famílias. A cidade regurgita e não comporta a inflação humana. De sobrecarga, vêm milhares de americanos do norte colaborar no esforço de guerra, ficando sediados aqui. Tudo, enfim, quebra a tranqüilidade da cidade que é sacudida em seu provincianismo sossegado.

Como conseqüência imediata, sobe vertiginosamente, em vertical, o custo de vida. Faltam os víveres. A cidade perde sua tradicional característica. Cresce tudo: o comércio; o bulício; os transportes; a circulação de riqueza; os preços; a vida social; as anedotas; os boatos; os casamentos, desencilhando, até, algumas solteironas sem maiores aspirações; aparecem novos ricos . . . Tudo devidamente fiscalizado pelas línguas irreverentes de todos os tempos, de tôdas as épocas e de todos os lugares, que se deliciavam, então, com os comentários dos amores fetios e desfeitos; criados, ampliados ou maldados das criaturas de todos os estados sociais. Sempre atentas a todo o enredo da vida em sociedade, com a crítica maliciosa, ou condimentada com seu tempero picante, mordaz e, às vêzes, gostoso.

Desde, então, Natal, cidade mal conhecida no País, torna-se conhecida no Mundo, com nôvo cognome: — Trampolim da Vitória. Desde, então, não perde mais a hegemonia de cidade mais importante, em seu conjunto, dentre as pequenas capitais do Brasil.

Novas conquistas vêm, posteriormente, projetar cada vez mais a cidade, tais como a energia de Paulo Afonso, a Universidade e a Barreira do Inferno, que lhe proporciona nôvo apelido: — Cidade Espacial, reafirmando o seu prestígio.

Mas, neste 25 de dezembro do ano da graça de 1970, em que se celebram os 371 anos perfeitos de Natal, não posso, nem devo omitir, pelo contrário, desejo fazer algumas caras evocações: — de Mascarenhas Homem, chefe da expedição da conquista e colonização da Capitania do Rio Grande; de Jerônimo de Albuquerque, primeiro capitão do Forte dos Reis Magos; de João Colaço, que detém a honra de ser o fundador da cidade; do Padre Gaspar de Sampedes, a quem se atribui a autoria da traça da Fortaleza dos Santos Reis, primitiva e que teria batizado o Potiguaçú Segundo ou D. Antônio Filipe Ca-

marão (7); o Padre Pinto, “apóstolo dos potiguares”, que seria imolado pelos tocarijús da Serra de Ibiapaba, no Ceará, apelidado o “Amanaiara” (senhor das chuvas) (8); a Santa Cruz da Bica, marco sul de Natal (9); Nossa Senhora da Apresentação, que chegou à cidade, segundo a tradição, acondicionada em caixão calafetado, encontrado boiando no Rio Potengi, ou junto à Pedra do Rosário, para ser padroeira do lugar onde aportasse (10); da Fortaleza dos Reis Magos, sentinela avançada do nosso passado e testemunha muda de nossa História; do Rio Grande, chamado Potengi, pela indiada e que emprestou seu nome à Capitania.

Desejo evocar também velhos logradouros, hoje com quase todos os seus nomes transmudados: — a Rua Grande, atual Praça André de Albuquerque, berço onde nasceu a cidade, fundada à sombra dum capelinha, no local onde se encontra a nossa Matriz; a Campina da Ribeira, outrora alagadiça e, hoje, a soberba Praça Augusto Severo; a “subida da ladeira”, depois Rua do Atêrro, Rua da Cruz, Conselheiro João Alfredo e, afinal, Avenida Junqueira Aires; a Praça da Alegria, de sugestivo nome, atualmente com o do benemérito Padre João Maria; a Rua da Palha, substituído pelo nome prestigioso do Vigário Bartolomeu; o outrora Beco do Tecido, hoje Rua Juvino Barreto, lembrando a primeira indústria têxtil que funcionou na cidade, em frente ao atual Departamento de Imprensa do Estado; a Praça do Baldo, que vem teimosamente resistindo, pelo prestígio da tradição oral, ao novo batismo de Praça Carlos Gomes; a antiga Rua do Fôgo, que só ia por lá quem tinha negócio e, atualmente, é uma das vias mais movimentadas da cidade, com o nome de Rua Padre Pinto; e tantas outras, como a Praça das Laranjeiras, a Rua dos Tocos, a Rua da Estrêla, a Avenida Atlântica, a Rua do Comércio, a Rua Nova, a Rua do Meio, que as novas gerações já não localizam.

Permita-se que essa rápida invocação seja encerrada com o nome da antiga Pracinha, até pouco, Praça Pedro Velho, mas, desde o ano de 1969, Praça Cívica, e que neste ensêjo sugerimos ao Governo Municipal, aqui presente, em nome da tradição e do prestígio do patrono dêste Logradouro, que se alie o velho ao novo, com a denominação de Praça Cívica Pedro Velho.

---

(7). — Serafim Leite, *ob. cit.*, vol V, 1945, pág. 509 e nota 3.

(8). — *Idem, ibidem*, pág. 505; e Luis de Câmara Cascudo, *História da Cidade do Natal*, cit., págs. 21, 23 e 29.

(9). — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. XXIII-XXIV, pág. 105 e segs.

(10). — Nestor Lima, *A verdade sobre o bi-centenário da Imagem de Nossa Senhora do Rosário, venerada como Padroeira de Natal* in “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte”, vol. L, 1953, págs. 169 e segs.

Natal das cavalhadas, dos entrudos, dos autos populares; das Lapinhas dos cordões azul e encarnado, com torcidas apaixonadas de poetas, como Lourival Açucena, que comandava grupos exaltados; do Bumba-meu-boi, das Cheganças e dos Fandangos, recordando a epopéia marítima dos lusitanos, com tempestades, ordens de bordo, competições, lutas, vitória final, tudo envolto em cantigas saudosas.

E o “alviçareiro”, que fazia içar uma bandeira num dos mastros da torre da matriz, colocados em seu cimo, na direção norte, outro na do sul, indicava que despontara, no mar, navio nesta ou naquela direção, qual gageiro no cesto da gávea anunciava a presença de terra ou de barco suspeito.

“Tôdas as alegrias de embarcar ou de chegar, tristezas de partida, vinda de cargas para enriquecer os ricos, de noivos, companhias de teatro, todos os temas, assuntos e teses para a Cidade, eram vistos em primeiro lugar pelos olhos humildes do Alviçareiro. Raros lhe sabiam o nome e estado de espírito. Se sofria, amava, adoecia, ou morria, a cidade jamais perguntou. Essencial é que as bandeiras subissem nos lados do mastro, espalhando as notícias tranqüilizadoras ou amargas, mas indispensáveis. Milagres de alegria e de lágrimas as bandeiras azul e encarnada no ar. O alviçareiro era o mágico indiferente às fantasmagorias que inundavam a cidade”.

Tal o retrato que dêle nos dá Luís da Câmara Cascudo (11).

Senhores: — Sinto neste momento, como que a materialidade da imponderabilidade do tempo. Faz precisamente 365 dias que desta Praça, dêste Palanque, desta tribuna, neste mesmo dia e nesta mesma hora, falou a Natal silente, com a musicalidade de sua eloqüência, o Historiador da Cidade, Câmara Cascudo. Hoje, transcorrido um ano, vem um seu discípulo substituí-lo nesta missão honrosa, sentimental e emotiva de falar de Natal a Natal, quando o Governo do Município, através da Secretaria de Turismo da Prefeitura, celebra, num testemunho de sua atuação, o 371º aniversário da Cidade dos Reis.

Por isso, desejamos encerrar esta oração, mudando o que deve ser mudado, com o pensamento do Mestre Cascudo. “Do cimo da Torre da História”, qual “alviçareiro”, o historiador anuncia, no horizonte dos acontecimentos velhos e passados, os fatos vividos e que não voltarão jamais.

“Sonhos, amores, lutas, ambições, delírios, mortes, tudo quanto segue na alma do Homem, sempre com êle viveu, como a sombra ao

---

(11). — Luis da Câmara Cascudo, *História da Cidade do Natal*; cit., pág. 11.

corpo, muda e teimosa testemunha de sua passagem, reaparece e vive a vida emprestada pela recordação. Gente do norte e do sul. As bandeiras sobem, contando, de dia e de noite, como os navios passaram, chegaram e partiram.

Ninguém pergunte se faltou um navio ou se um fantasma faltou à chamada nesta Procissão Evocativa de Natal. Apenas, solidário com a grande alma coletiva da cidade, o Alviçareiro olha o Mar e conta a história d'ele aos que não o podem ver no tempo..." (12).

Esta é a missão do historiador.

---

(12). — Câmara Cascudo, *História da Cidade do Natal*, cit., pág. 12.